

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MOÇA DO CAMPO.

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1958 | Número: 68

Como citar este documento:

ALMEIDA, Eduardo de, Moça do campo. *Revista de Guimarães*, 68 (1-2) Jan.-Jun. 1958, p. 45-48.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Moça do campo (*)

Por cidades, vilas e vilórios do Portugal norte-nho, acima do Douro e em parte do Mondego e do Vouga, todos os dias, sobretudo à luz amaciada dos crepúsculos da manhã e da tarde nos estivais, atrepam e escorregam as calçadas, trazidos dos campos, os velhos carros de bois, tão antigos como os oppida e citânias dos primitivos castrejos, ao tempo da invasão dos sabinos. São os lavradores caseiros que transportam para as casas dos senhores as rendas em cereais, as pipas do vinho, a lenha cortada, e outros carretos. Nos de mercado, então, são em linha, estrada fora, e por ele se estendem ou ajuntam, em arraial, carregados de batata, feijão, cebola, hortaliça, melões, melancias e outra fruta, a castanha e a noz, barros e louças ou estopas e lãs, consoante a região. À frente, em regra, uma rapariga, moça do casal, é quem guia e toca a junta de bois aposta ao carro, endomingueirada, se vem à feira, e com suas arrecadas e cordão de oiro, ou apenas com mais desenxovallho, se vem em serviço da lavoura.

(*) Artigo inédito que Eduardo d'Almeida havia destinado a uma revista de cultura luso-brasileira, em organização em São Paulo. Estas belas páginas, das últimas do Escritor vimaranense, constituem um hino consagrado à «moça do campo» e foram agora cedidas à «Revista de Guimarães» por amável deferência de quem as retinha em seu poder — o Ex.^{mo} Snr. Eduardo Ribeiro, representante em Portugal daquela Revista em projecto, que afinal não chegou a vir à publicidade.

Como se demoram, enquanto se descarrega ou mercadeja, há tempo de as examinar com vagar, e é imensamente sugestiva essa paisagem humana, de pitoresco muito caseiro, é certo, logo em breve arabescado de exotismo, mas que acaba por nos ir infiltrando, como toxina alucinativa, o estonteio de uma viagem através de muitos séculos. Primeiro — como direi? — por ser a imagem da mulher ao natural. É o mármore esculpado, da antiga Hélade, com sangue vivo correndo nas veias novas. A sensação admirável do espontâneamento forte, simples, de uma simplicidade de arte laboriosa e são, como a água, os frutos, o rosmaninho perfumoso.

Esta impressão de exterior é breve dominada em nós por outra mais profunda e que nos faz cismar — a de como se fundiu tão profunda e complicada progénie de uma extensa variedade de raças e tipos em um ser determinado, característico, próprio, de marcada e grácil individualidade.

Perfeita assim, no rude e inconfundível, nesse estado natural. Não se trata de uma só miscegenação, como a do branco e do preto, a do europeu e a do índio, a do latino e a do saxónio, mas de sucessivas, em novos tipos que se foram enxertando em longo decurso secular. Hiperbóreos (como o celta, de que ainda, nas agrestidões serranas, guarda e usa o sagum e o cucullus de lã grosseira, ou o celta ligurizado) e turdetanos, argólicas e tírios, o grego e o cartaginês, o agareno e o mauro, o romano, o suevo e o godo: imigrações e incursões vindas de toda a rosa dos ventos, transfusão de sangue nas veias das tribos indígenas, como entalhes no cerne do roble natal, com as raízes tão sólidamente presas à terra que cada vez mais nela se aprofundam e fortalecem.

Há em nossas campesinas das aldeias, cuja lavoiragem remonta ao mais brumoso antanho, vários tipos, acentuada, marcadamente específicos e característicos de muitos passos definidos dessa evolução, sobretudo em sua nubilidade, de rápido fulgor no momento do libido do botão de rosa virginal, antes de a adolescência plasticizar as formas mulheris.

É um desfile de figuras femininas ilustrando, com iluminuras, páginas da história antiga e medieval de povos diversos: como uma romaria a cujo cosmorânico arraial viessem de longes e variadas partes do Mundo Passado as romeirinhas esbeltas, a grega e a fenícia, a nórdica e a árabe, com suas feições, andares e modos, pitorescas, bizarras, diferentes em concurso de graça e beleza, mas como que todas ligadas por laço iniludível de comum parentesco.

Devem ser surpreendidas ao natural e não caracterizadas em figurino, através de turismo ou rancho folclórico. Sem preocupações literárias ou científicas. Apenas humanas. Com atenção, examine-se, medite-se naquele seu olhar . . .

Não. Não é bem o olhar. De quem conversa, vê o que se passa ou atende ao trabalho entre mãos. O olhar de grinalda florida com o cintilar picante das luminárias nas cantigas pelas esfolhadas; submisso e doce, às avemarias das devoções e das saudades; esmeraldino e aveludadamente musgoso em conversas a caminho da fonte, pelos caminhos ensombrados; nem mesmo aquele penetrante fulgor de iris, sorriso de alma aberto em clara luz, quando o amor lhe toca o coração. Não: é uma luz, é a luz íntima, singular, misteriosa, dos seus lindos olhos, quando está parada, quieta, absorta, a olhar-se por dentro, a si mesma, a encontrar-se consigo, no mundo que a cerca ao redor. De onde lhe vem essa luz?

Quantos séculos, como a das estrelas, gastou e andou para chegar aos seus olhos? Como a de outros mundos em chamas ardendo, a de outras humanidades, cujas labaredas se apagaram. Luz astral de almas que viveram e estão na sua alma. Que procurou e fulgiu nos seus olhos, como gota de orvalho cristalino desceu e beijou a folha seca do cardo bravo.

Quantas ascetes de libertação e de sonho, quantas alucinações de guerreiro desvairo, quantas imprecações de cólera e uivos de sofrimento, a resignação dramática, a dor silenciosa, a ternura,

a saudade, quanta epopeia e lírica ardendo nessa luz, a perdurarem em luz! . . . Todas aquelas raças, com suas grandezas e misérias, revivem nessa luz.

Afinal, é só a única cintila viva por sobre a bruma das páginas mortas da História, como a das estrelas na escuridão da noite.

Guimarães, Setembro de 1957.

Sebastião S. Almeida